

LENDO CARSON MCCULLERS COM RENÉ GIRARD: VIOLÊNCIA RACIAL E BODES EXPIATÓRIOS

Júlia Reyes (UERJ)¹

Resumo: O trabalho propõe um diálogo entre a ficção de Carson McCullers e sua abordagem do racismo estadunidense no romance *The Heart is a Lonely Hunter* (1940) e as reflexões de René Girard sobre a violência humana buscando pontos de contato entre as reflexões dos dois autores.

Palavras-chave: Carson McCullers; racismo; René Girard; bode expiatório

René Girard e a teoria mimética

O pensador francês René Girard (1923-2015), nasceu no dia 25 de dezembro de 1923 em Avignon, França, e foi o autor de uma hipótese teórica que fornece contribuições significativas para diversas áreas de conhecimento (antropologia, etnologia, etologia, estudos bíblicos), inclusive para a área dos estudos literários: a teoria mimética.


A teoria mimética se inicia quando Girard começa a estudar a literatura. Em 1947, Girard deixa a França e inicia um doutorado na Universidade de Indiana, Bloomington, onde começa a dar aulas de Literatura Francesa. Seu doutorado é concluído em 1950 com a tese *American Opinion on France, 1940-1943*.² Ao aceitar o convite da Universidade de Indiana para ensinar Literatura Francesa, Girard lê romances de escritores modernos como Cervantes, Proust, Flaubert, Stendhal e Dostoiévski e identifica semelhanças entre a ficção desses autores. A elaboração de sua hipótese de pesquisa tem início com esse curso, quando Girard começa a investigar não só a literatura francesa, mas a dinâmica do desejo humano.

Utilizando um método de leitura comparativo, Girard chega à sua primeira intuição sobre o desejo,³ que se desdobrou em uma teoria sobre a cultura humana e o

¹ Graduada em Letras (USP), mestre em Letras (UFSJ). E-mail: ilhadehortela@gmail.com

² Ao longo de sua carreira, René Girard recebe diversos doutorados honoris causa, sendo o primeiro em 1985, da Frije Universiteit de Amsterdã. Em 2005, Girard é eleito para a Académie Française e em 2008, Girard recebe a mais importante distinção da Modern Language Association (MLA), o prêmio “Life Achievement Award” (GIRARD, 2011, p.126).

³ A obra de Girard parte do entendimento do desejo humano como um desejo dependente de uma relação entre dois agentes (sujeito e modelo), sendo o desejo fruto de um espelhamento entre eles (de uma relação *interdividual*). A intuição fundadora do pensamento girardiano considera o desejo como imitativo, ou melhor, como fundamentalmente mimético, fruto de uma relação entre dois agentes e não resultante da subjetividade autocentrada de um indivíduo isolado. A teoria de Girard parte dessa primeira intuição, pois



comportamento humano, a teoria mimética.⁴ Em *Evolução e Conversão* (2011), o autor relata que começou a dar aulas sobre a ficção stendhaliana e ficou impressionado com a semelhança entre Stendhal e outros romancistas: “(...) a vaidade em Stendhal era algo próximo do esnobismo em Proust, e havia, em Flaubert, um meio-termo entre ambos.” (GIRARD, 2011, p. 53). O autor complementa: “Por fim, notei o mesmo em Cervantes e Dostoievski” (GIRARD, 2011, p.53). Em seguida, Girard esclarece seu objetivo: “O que eu queria era escrever uma história do desejo através da leitura de grandes obras literárias.” (GIRARD, 2011, p.53)


Girard fez mais do que escrever uma história do desejo, o pensador francês criou uma hipótese teórica sobre o funcionamento da violência humana e relacionou esse processo ao surgimento da cultura e da religião. Em termos girardianos, vaidade e esnobismo são faces da rivalidade mimética, uma consequência sombria do desejo humano e de seu caráter fundamentalmente mimético redescoberto por Girard durante suas leituras. A teoria mimética germinou a partir da literatura, quando Girard passa a ler romances modernos para ministrar o curso sobre Literatura Francesa e pensou em escrever uma história do desejo. Foi a partir de uma investigação sobre o desejo (e sua relação com a violência) que a teoria girardiana começou a se configurar.

Em seu primeiro livro, *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961), Girard percebeu que diferentes personagens de romances modernos começavam a desejar um objeto (o afeto de uma pessoa, um cargo social, um objeto determinado) a partir da influência de um *outro*, uma pessoa próxima que influencia esse desejo. Em linhas gerais, Girard percebeu que os escritores *romanesco*s retratavam essa dinâmica de espelhamento, a presença desse *outro* que influencia o protagonista e é influenciado por ele - e que Girard denominou modelo ou mediador. Vejamos alguns exemplos.

Emma Bovary, em *Madame Bovary* deseja participar de festas em Paris imitando as heroínas dos romances que lê, portanto, imita seus modelos (neste caso, modelos literários). Em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, o protagonista Dom

a partir do entendimento dos conflitos derivados desse caráter mimético do desejo, o autor elaborou uma teoria que aborda a violência humana, suas causas, dinâmicas e as possíveis saídas para além da violência.

⁴ João Cezar de Castro Rocha, em *Culturas Shakespearianas: Teoria Mimética e os desafios da mimesis em circunstâncias não hegemônicas* (2017) afirma: “A Teoria Mimética ou Imitativa é uma explicação do comportamento humano e da cultura humana” (ROCHA, 2017, p.47), e cita em nota de rodapé a referência: “Mimetic or Imitative theory is an explanation of human behavior and human culture.” In: René Girard, Account of Mimetic Theory. Disponível em: www.imitatio.org/uploads/tx_rtgfiles/Account_of_Mimetic_Theory.pdf. Acesso em: 29 abr.2015.




Quixote deseja tornar-se um cavaleiro, imitando os cavaleiros das histórias de Amadis de Gaula, seu modelo; enquanto Sancho Pança, por sua vez, elege Dom Quixote como modelo e, depois que o conhece, passa a sonhar com uma “ilha” que irá governar, e almeja um título de duquesa para sua filha. Em *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, Matilde de la Mole seleciona seus modelos partindo da história de sua família, e o protagonista Julien Sorel imita Napoleão, além aspirar participar da aristocracia francesa.

A partir de tais comparações, Girard separa os escritores em *românticos* e *romanescos*. Os escritores *românticos* tratam o desejo humano como original e independente de fatores externos, as personagens se apaixonam à primeira vista, e seu desejo parece original e individual. Já os escritores *romanescos* percebem que o desejo de qualquer personagem é influenciado por sua relação com um *outro*, o modelo, portanto, o desejo é mimético, na teoria que Girard denominou teoria mimética.

Para Girard, na *mediação externa*, quando o sujeito e o modelo estão distantes, como um estudante de música que admira Mozart, é impossível que os dois, sujeito e modelo passem a competir pelos mesmos objetos. Personagens que estão mais próximas, em uma relação que Girard denomina *mediação interna* podem entrar em conflito, como é o caso de melhores amigos pois as personagens se admiram, se espelham uma na outra e passam a desejar o mesmo objeto que o outro deseja ou possui e, por isso, podem começar a disputar os mesmos objetos e até mesmo entrar em um conflito direto em que o objeto é esquecido e a rivalidade vira o centro do conflito.

Girard esclarece em *Shakespeare, teatro da inveja* (2010): “Interpretação, no sentido corrente, não é a palavra adequada para o que faço. Meu trabalho é mais básico.” (GIRARD, 2010, p.45). Em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, textos de escritores modernos foram relacionados com as dinâmicas da mediação e, portanto, com o funcionamento da violência de acordo com sua hipótese, a teoria mimética. O autor francês prossegue esclarecendo: “Leio pela primeira vez a letra de um texto jamais lido sobre muitos assuntos essenciais para a literatura dramática: desejo, conflito, violência, sacrifício.” (GIRARD, 2010, p.45)


Para a discussão sobre linchamento apresentada aqui, o segundo livro de Girard, *A Violência e o Sagrado* (1972) é o livro mais significativo. Em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, Girard descortina a dinâmica do desejo humano, mostrando que



sujeitos que estão próximos uns dos outros tendem a se pautar pelo desejo de quem admiram e a copiar esse desejo,⁵ o que faz com que os dois entrem em conflito pelos mesmos objetos, como no caso de dois amigos disputando o amor da mesma mulher que terminam travando um duelo. Em *A Violência e o Sagrado*, Girard retoma estudos de antropólogos ingleses sobre as primeiras sociedades humanas para analisar como a violência se daria em uma comunidade, analisado o perigo do contágio mimético em âmbito social. No caso das sociedades arcaicas, Girard imagina que muitas delas se autodestruíram porque não possuíam um mecanismo de controle da violência. Quando dois sujeitos começavam um conflito, podiam contagiar toda a comunidade, e assim, uma luta de todos contra todos se tornava inevitável. No entanto, Girard analisa e compara diferentes mitos de fundação de sociedades arcaicas e percebe semelhanças entre mitos e o funcionamento de diversos grupos humanos. Pensando na dinâmica da violência em âmbito social, Girard destaca que uma disputa por um objeto qualquer, um alimento ou um território pode contagiar uma comunidade e criar um conflito generalizado de todos contra todos que ameaça tal comunidade de desintegrar-se. Porém, encontrar um único culpado para a crise desvia a violência – que poderia contagiar a todos - para uma única vítima. O papel da vítima responsabilizada pelo conflito é concentrar a violência de todos contra todos, tornando essa violência uma violência de todos contra um. Dessa forma, a violência perde de vista o objeto inicialmente disputado e, após o sacrifício da vítima, a ordem social é restabelecida. O sacrifício de uma vítima promove o retorno da ordem social ameaçada pelas disputas miméticas no seio da comunidade e esse efeito de ordem restaurada faz com que a vítima do sacrifício seja considerada sagrada.

Através de um assassinato, de um sacrifício ou de um linchamento a violência social de todos contra todos é contida, mas isso ocorre à custa de uma morte, ou seja, de um desconhecimento sobre a inocência da vítima, por isso Girard propõe o termo *méconnaissance* como um fator indispensável ao ritual: todos acreditam que a vítima é culpada. A vítima é considerada culpada pela crise social que foi desencadeada, mas de fato ela não pode ser responsável pela crise isoladamente, já que os conflitos são

⁵ Em um exemplo simples, se imaginamos dois amigos, Marcos e Bruno, por admirar o amigo, Bruno pode passar a desejar a mesma mulher que Marcos deseja. Bruno pensa que o amigo, como é muito inteligente, pode ter visto algo nessa mulher que o próprio Bruno não viu. Então o objeto de desejo, e isso é importante, é escolhido porque sujeitos se pautam em seus modelos que lhes sugerem o que desejar. A partir daí, a disputa pelo mesmo objeto pode tornar-se inevitável.




motivados pela rivalidade mimética e pela violência de todos os integrantes do grupo. “É a comunidade inteira que o sacrifício protege de sua própria violência, é a comunidade inteira que se encontra assim direcionada para vítimas exteriores.” (GIRARD, op.cit., p.19) A crença de que o sacrifício deve ser efetuado para acalmar a ira de um deus esconde a violência social de cada integrante do grupo que é facilmente ativada durante um conflito mimético, como por exemplo, a disputa por um objeto, ou um momento de crise social como uma seca, uma inundação ou uma peste em que alguém pode ser acusado como culpado da crise e, por isso, pode ser linchado como forma de expiação.

Em qualquer sociedade, o assassinato, sacrifício ou linchamento de uma vítima inocente provocaria o desejo de vingança por parte dos amigos e familiares da vítima, o que poderia gerar um ciclo infinito de vinganças e revides. Então; para tornar um sacrifício uma violência isenta dos riscos da vingança, os integrantes do linchamento precisam acreditar que a vítima é culpada pela crise, daí o conceito de *méconnaissance*, que encerra essa noção de desconhecimento do fato de que uma única pessoa não poderia ser responsabilizada por toda uma crise social.

Girard percebe que entre as vítimas de sacrifícios nas sociedades arcaicas encontram-se figuras que possuem um vínculo fraco com a comunidade a qual pertencem, o que faz com que ninguém se levante para reclamar a morte da vítima ou para empreender uma vingança contra seu assassinato. Entre as vítimas de sacrifícios humanos temos prisioneiros de guerra, escravos, crianças e adolescentes solteiros, indivíduos defeituosos. Em certas sociedades, trata-se do próprio rei, pois, em sentido oposto, ele também se diferencia dos demais. (GIRARD, 1990, p.24) Um paradoxo demonstrado por Girard é que o *mecanismo do bode expiatório* usado para controlar a violência social endógena é também um mecanismo violento.

Em síntese, Girard percebe que há mitos em que o linchamento fundador parece indecifrável, mas há também mitos em que o linchamento fundador tem uma presença “quase explicitamente reconhecida” (GIRARD, 1990, p.123). Em mitos de sociedades arcaicas, portanto, está inscrito o mecanismo do bode expiatório. O rito, por sua vez, encena esse mito: “O rito é a repetição de um primeiro linchamento espontâneo que trouxe a ordem de volta na comunidade, por ter refeito, contra a vítima expiatória e em torno dela, a unidade perdida na violência recíproca.” (GIRARD, 1990, p.124).




Em *Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo* (1978) e em *Eu via Satanás Cair como um Relâmpago* (1999), Girard dedica-se a investigar a consciência que os textos judaico-cristãos possuem sobre o funcionamento da violência humana e sobre formas de evitá-la. Girard compara mito e texto bíblico, destacando uma diferença decisiva. No mito, a multidão violenta que acusa e persegue uma vítima acredita realmente que essa vítima é culpada pela crise que se instalou sobre a comunidade. Dessa crença na culpa da vítima, Girard extrai o conceito de *méconnaissance*. Já nos textos bíblicos, há diversos momentos em que a inocência da vítima é destacada. O episódio mais emblemático da inocência da vítima é a Paixão de Cristo, em que Jesus torna-se a vítima inocente condenada pela multidão violenta, envolvida pelo contágio mimético, que prefere a morte de Cristo à morte de Barrabás.

Girard distingue mito e texto bíblico em *Eu via Satanás cair como um Relâmpago*, afirmando que “Os relatos míticos representam as vítimas da violência coletiva como culpadas. Eles são absolutamente falsos, ilusórios, mentirosos.” (GIRARD, 1999, p.18). Por contraste, “Os relatos bíblicos e evangélicos representam essas mesmas vítimas como inocentes. São essencialmente exatos, confiáveis, verídicos.” (GIRARD, op.cit., p.18).

Linchamento no Sul dos Estados Unidos

Girard, em *A Violência e o Sagrado*, afirma que uma sociedade primitiva, sem sistema judiciário, está exposta à escalada da violência, ao aniquilamento puro e simples a partir da *violência essencial* (GIRARD, 1999, p.44), que seria essa tendência de um conflito desencadear um contágio. Paradoxalmente, a violência é capaz de aplacar a violência, quando alguma vítima substitutiva é assassinada, a violência de todos decresce por um momento.

E no caso das sociedades modernas, que possuem sistema judiciário? Girard comenta que as decisões da autoridade judiciária, em princípio, não podem ser contestadas por nenhum grupo, nem mesmo pela coletividade unânime. (GIRARD, 1999, p.36). Sem depender de nenhum grupo em particular, e a serviço de todos, o sistema judiciário “não hesita em golpear frontalmente a violência, pois possui um monopólio absoluto sobre a vingança.”(GIRARD, 1999, p.36). Para Girard, de posse de tal monopólio, a autoridade judiciária consegue normalmente abafar a violência ao invés de exasperá-la, espalhando-a e multiplicando-a (GIRARD, op.cit., p.36), como




aconteciam nos contágios miméticos de sociedades arcaicas ainda sem estado formalizado e sem o *mecanismo do bode expiatório* que é posto em ação através do sacrifício de vítimas inocentes. Girard esclarece que “No final das contas, o sistema judiciário e o sacrifício têm, portanto, a mesma função, mas o sistema judiciário é infinitamente mais eficaz.” (GIRARD, op. cit., p.36) e completa: “Só pode existir se associado a um poder político realmente forte.” Em seguida, Girard destaca: “Como qualquer outro progresso técnico, ele constitui uma arma de dois gumes, servindo tanto à opressão quanto à libertação.” (GIRARD, op.cit., p.36)

O documentário *A 13ª Emenda* (Ava DuVernay, EUA, 2016) mostra que o racismo nos Estados Unidos não acabou, mas foi transfigurado ao longo do tempo, e a escravidão dos negros, abolida em 1885 e o racismo estão de certa forma inscritos nas estatísticas da população carcerária estadunidense. De acordo com o referido documentário, os Estados Unidos abrigam 5% da população mundial, mas abrigam também 25% dos prisioneiros do mundo, portanto um quarto da população encarcerada mundial concentra-se no território estadunidense. O arco de crescimento da população carcerária, que durante o século vinte era mais ou menos estável, mostra um crescimento da população carcerária iniciado nos anos 1970. Em 1972, a população carcerária dos EUA era de 300 mil pessoas, hoje, é de 2,3 milhões de pessoas.

Percorrendo a história dos Estados Unidos, diversos professores, políticos, advogados, ativistas e teóricos especialistas em estudos afro-americanos são entrevistados e comentam que o racismo, a política estadunidense e o sistema judiciário estão amalgamados. Os afro-americanos vem sofrendo com a escravidão, com a exploração trabalhista, com o encarceramento, com um tratamento midiático que relaciona os afro-americanos ao crime e com o racismo cotidiano e institucional. O sistema judiciário, que supostamente defenderia os afro-americanos contra o racismo e contra demais abusos institucionais contribui para prisões injustas, penas severas, prisões perpétuas, extinção da condicional e pena de morte.

A escravidão era o sistema econômico que sustentava o Sul dos Estados Unidos e com o fim da escravidão e o fim da Guerra Civil (1861-1865), a economia sulista termina devastada, com 4 milhões de ex-escravos. Após a Guerra Civil, os afro-americanos foram presos em massa por crimes extremamente insignificantes como vadiagem ou vagabundagem. Foi o primeiro surto de prisão dos EUA.




A 13ª Emenda afirma em 1864: “Não haverá, nos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito à sua jurisdição, nem escravidão, nem trabalhos forçados, salvo como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado.”⁶ O documentário mostra que essa brecha na lei permitiu que os negros antes escravizados e agora libertos fossem novamente encarcerados, presos por motivos pífios e novamente explorados, agora como a força de trabalho que reconstruiria o Sul devastado.

Em 1915, é lançado o filme *The Birth of a Nation*, (“O nascimento de uma nação”), adaptado do romance *The Clansman: An Historical Romance of the Ku Klux Klan* (1905), de Thomas Dixon, mostrando negros estereotipados, e uma cena de uma mulher que se joga de um penhasco para não ser estuprada por um personagem negro. No filme, A Ku Klux Klan é mostrada como defensora de mulheres contra esse tipo de ameaça. Ocorre, paralelamente e não por acaso, uma onda de linchamentos entre a Reconstrução e a Segunda Guerra Mundial. O documentário *A 13ª Emenda* mostra ainda uma linha de exploração histórica da população afro-americana investigando Richard Nixon, no anos 1970, com o lema “Law and order” e a guerra contra as drogas, que serviu de motivos para encarcerar afro-americanos, segundo o acessor para assuntos domésticos de Nixon, John Ehrlichman. No documentário, vemos ainda Ronald Reagan e a guerra contra as drogas tornada uma guerra de fato, o aparecimento do crack, as prisões por porte de crack e as penas muito mais duras do que as prisões por pena de cocaína, e George H.W. Bush vencendo Michael Dukakis em 1988, defendendo a segurança e a defesa contra o crime. Os números da população carcerária pulam de 513,900 em 1980 para 759,100 em 1985; e 1,179,200 em 1990, e seguem aumentando.

Racismo em *The Heart is a Lonely Hunter* (1940), de Carson McCullers

A escritora estadunidense Carson McCullers (1917-1967) nasceu em Columbus, Georgia e lançou seu primeiro romance aos vinte e três anos, impactando a cena literária estadunidense com *The Heart is a Lonely Hunter* (1940), traduzido no Brasil como *O Coração é um Caçador Solitário* (Tradução Sonia Moreira, Cia das Letras, 2007). Neste romance, McCullers apresenta Mick Kelly, uma adolescente apaixonada por música, Jack Blount, um viajante que percorre o país tentando organizar uma revolução proletária, Biff Brannon, o dono do New York Café, onde as personagens se encontram,

⁶ Fonte: <https://andredelnero.jusbrasil.com.br/artigos/396412284/breve-analise-ao-documentario-13-emenda-da-netflix>. Acesso: 20/05/2017.



e onde John Singer, um surdo-mudo (capaz de fazer leitura labial e entender os outros) almoça diariamente. Dr. Copeland, um médico dedicado à causa negra, como as outras personagens, encontra no surdo-mudo John Singer um ouvinte que possivelmente o compreenderia. Todas as personagens gravitam em torno de John Singer, compartilhando suas ideias sobre o mundo com um surdo-mudo que lhes acena com a cabeça e lê lábios e às vezes escreve respostas em um pedaço de papel. Além desta situação insólita, McCullers cria capítulos ao redor de cada personagem.

Logo no início da trama, a cidade onde se passa a história é descrita como uma cidade “razoavelmente grande” (MCCULLERS, 2010, p.13) e repleta de fábricas: “Essas fábricas de fiação de algodão eram grandes e prósperas, e a maioria dos trabalhadores da cidade era pobre. Era comum encontrar nos rostos ao longo das ruas o olhar desesperado da fome e da solidão.” (MCCULLERS, 2010, p.13)

Neste artigo, destaco o médico Dr. Copeland, as desventura de sua família e a relação entre o racismo e o sistema judiciário e policial estadunidenses. O médico Dr. Benedict Mady Copeland era pai de Portia, Hamilton, Karl Marx, William e como médico, fazia partos e cuidava das pessoas da comunidade negra de sua cidade, fazendo visitas e falando sobre diversos assuntos. Na história de Dr. Copeland, podemos identificar traços de dificuldades reais que os afro-americanos enfrentavam nas décadas de 1930 e 1940, quando os linchamentos nos estados da Virginia e da Georgia eram uma febre.


Um dos filhos de Dr. Copeland, William, (também chamado de Willie pela família) foi para um prostíbulo chamado Palácio do Doce Prazer da Madame Reba. Willie bebe demais e dança com Love Jones, uma das moças da casa, e se envolve em uma briga com um rapaz chamado Junebug por causa dela. William acaba sendo preso e é enviado para uma outra região com mais dois amigos. A família passa dias sem notícias. Portia, a filha de Dr. Copeland, um dia relata o que se passou para o pai.

“Uma vez eu comentei com o senhor que um tal de Buster Johnson tava na prisão com o Willie. Nós já conhecia ele ates. Ele voltou pra cada dele ontem.” (MCCULLERS, 2007, p.319-...)

“E então?”

“O Buster ficou aleijado pro resto da vida.”

A cabeça do dr. Copeland começou a tremer. Ele segurou o queixo com força com a mão para firmar a cabeça mas aquele tremor obstinado era difícil de controlar.



“Ontem à noite uns amigo nosso foi lá em casa e disse que o Buster tava na casa dele e tinha uma coisa pra me contar sobre o Willie. Eu fui correndo para lá e aí ele disse o seguinte.”

“Sim?”

“Tava três deles lá. O Willie, o Buster e um outro menino. Eles era amigo. Aí apareceu um problema.” Portia estacou. (...) “Tinha alguma coisa a ver com o jeito que um guarda branco ficava toda hora de implicância com eles. Eles tava trabalhando na estrada um dia e aí o Buster deu uma resposta desaforada pro guarda e aí o outro menino pegou e tentou fugir pro mato. Aí eles pegou todo os três e levou eles pra prisão e trancou eles numa cela gelada.”

O dr. Copeland disse sim de novo, mas sua cabeça tremia e a palavra soou como um guizo em sua garganta.

“Isso foi umas seis semana atrás”, disse Portia. “O senhor lembra do frio que tava fazendo nessa época. Eles botou o Eillie mais os dois menino nessa cela que era fria que nem gelo.”

Portia falava em voz baixa, sem fazer pausa entre as palavras e sem que a dor estampada em seu rosto se suavizasse. Era como um canto triste. Ela falava e ele não conseguia entender. Escutava os sons com clareza em seus ouvidos, mas eles não tinham forma nem sentido. Era como se sua cabeça fosse a proa de um barco e os sons fossem a água que batia contra ele e depois ia ficando para trás. Ele tinha a sensação de que precisava olhar para trás para encontrar as palavras que já haviam sido ditas.

“...e os pé deles inchou e eles ficou lá deitado, rolando no chão e gritando. E ninguém apareceu. Eles ficou berrando lá dentro três dia e três noite e ninguém apareceu.”

“Estou surdo,” disse o dr. Copeland. “Eu não consigo entender.”

“Eles botou o nosso Willie e os dois outro menino numa cela fria que nem gelo. Tinha uma corda pendurada no teto. Eles tirou os sapato deles e amarrou os pé descalço deles nessa corda. O Willie mais os dois menino ficaram lá deitado, com as costa no chão e os pé pra cima. E os pé deles inchou e eles ficaram rolando no chão e berrando. Tava frio que nem gelo na cela e os pé deles congelou. Os pé deles inçou e eles berrou três dia e três noite. E ninguém apareceu.”

O dr. Copeland apertou a cabeça com as duas mãos, mas nem assim o insistente tremor parava. “Eu não consigo ouvir o que você está dizendo.”

“Aí finalmente eles veio buscar eles. Eles levou o Willie e os dois menino às pressa pra enfermaria e as perna deles tava toda inchada e congelada. Gangrena. Eles serrou os dois pé do nosso Willie fora. O Buster Johnson perdeu um pé e o outro menino sarou. Mas o nosso Willie... ele ficou aleijado pro resto da vida. Os dois pé dele foi serrado fora.”

As palavras tinham terminado. Portia se inclinou e bateu com a cabeça na mesa. Não chorou nem gemeu, mas ficou batendo a cabeça sem parar no tampo imaculadamente limpo da mesa da cozinha. A tigela e a colher retiniam em cima da mesa e o dr. Copeland levou-as para a pia. As palavras estavam espalhadas em sua cabeça, mas ele não tentou juntá-las. Escaldou a tigela e a colher e lavou o pano da pia. Apanhou alguma coisa do chão e botou em algum lugar.

“Aleijado?”, perguntou. “O William?”

Portia batia a cabeça na mesa e as batidas tinham um ritmo que era como o lento repique de um tambor e o coração do dr. Copeland começou a bater no mesmo ritmo. Silenciosamente, as palavras ganharam vida e se encaixaram de modo a formar sentido e, então, ele entendeu.

“Quando eles vão mandá-lo de volta para casa?”

Portia apoiou sua cabeça caída no braço. “O Buster não sabe. Logo depois do que aconteceu, ele separou os três e botou cada um num lugar diferente. Eles mandou o Buster pra outro presídio. Mas, como o Willie só tem mais uns poucos mês pra cumprir, ele acha que é capaz que ele volte pra casa logo.”

Os dois tomaram café e ficaram sentados por um longo tempo, olhando para os outros um do outro. A xícara do dr. Copeland retinia contra os seus dentes. Portia encheu sua xícara de café e uma parte entornou em seu colo.

“William...”, disse o dr. Copeland. Quando pronunciou o nome do filho, sem querer mordeu a língua com força e entornou o queixo de dor. Os dois ficaram sentados um longo tempo. Portia segurou a mão do pai. A luz triste da manhã deixava as janelas cinza. Lá fora ainda chovia. (...)

O dr. Copeland esperava a raiva negra e terrível como quem espera uma fera surgir do meio da noite. Mas ela não veio. Suas vísceras pareciam lastreadas com chumbo e ele andou devagar, parando para se encostar nas cercas e nas paredes frias e molhadas dos prédios ao longo do caminho. Era como uma descida às profundezas, até que por fim já não havia mais nenhum abismo embaixo em que cair. Tocou o fundo sólido do desespero e ali se acomodou.

Nessa queda, encontrou uma espécie de júbilo, forte e sagrado. O perseguido ri, e o escravo negro canta para sua alma ultrajada debaixo do açoite. Havia uma canção dentro dele agora – muito embora não fosse uma música, mas apenas a sensação de uma canção. E o peso encharcado da paz sobrecarregava seus braços e pernas, de forma que era apenas graças ao firme e verdadeiro propósito que ele ainda se movia. Po que seguia em frente? Por que não descansava ali, no fundo da suprema humilhação, e se contentava por um momento?

Mas ele seguia em frente. (MCCULLERS, 2007, p.319-321)

Na sequência da história. O dr. Copeland procura justiça. O narrador revela: “Sua vontade era não olha nunca mais para um rosto humano. Mas, ao mesmo tempo, não conseguia ficar sentado, sozinho, naquele quarto vazio.” (MCCULLERS, 2007, p.327) O dr. Copeland procura uma maneira de reagir, depois de ouvir as palavras solidárias do farmacêutico da cidade. “Isso era muito pouco. Era preciso algo mais. O forte e verdadeiro propósito, a vontade de fazer justiça.” (MCCULLERS, 2007, p.327). Caminhando em direção à rua principal, dr. Copeland procura lembrar-se de alguém que poderia ajudá-lo, mas “Não conseguia pensar numa só pessoa branca e poderosa em toda a cidade que fosse ao mesmo tempo corajosa e justa.” (MCCULLERS, op. cit.,

p.327). Por fim, decide procurar o juiz do Tribunal Superior. Ali, acaba encontrando o subxerife da cidade que pergunta, zombando dele, “O que que você quer, reverendo?” Ouvindo o título de reverendo que os brancos usavam em tom de zombaria para se dirigir aos negros o exasperou e dr. Copeland responde: “Eu sou médico. Meu nome é Benedict Mady Copeland. Eu tenho um assunto urgente para tratar com o juiz e preciso falar com ele imediatamente.” (MCCULLERS, op. cit., p.328). O narrador explicita: “O subxerife era como os outros brancos: ficava furioso ao ver um negro falar de maneira clara e correta. “É mesmo?”, debochou, piscando um olho para os amigos.” (MCCULLERS, op. cit., p.328). Ao sentar em um banco, o dr. Copeland acaba sendo acusado de estar bêbado pelo subxerife: “Você não consegue em ficar em pé direito. Você andou bebendo, não andou? Eu to sentindo cheiro de álcool no seu bafo.” (MCCULLERS, op. cit., p.329). Dr. Copeland acaba sendo agredido pelo subxerife que lhe dá um soco na cara, leva-o para a delegacia e depois para cadeia e comenta ainda: “Esse é que é o problema deste país, (...) Esses malditos crioulos abusados feito esse aí.” (MCCULLERS, op. cit., p.329) No romance de McCullers, o racismo endêmico e institucional espelha todo um histórico de violência que assolou os afro-americanos. A teoria mimética girardiana, como perspectiva teórica, nos ajuda a refletir sobre a relação entre sistema judiciário e violência. Girard afirma que o sistema judiciário “(...) constitui uma arma de dois gumes, servindo tanto à opressão quanto à libertação.” (GIRARD, op.cit., p.36), enquanto a ficção de McCullers ilustra o quanto o sistema judiciário pode reproduzir o racismo de maneira arbitrária e violenta, revelando pontos de contato entre a literatura e a teoria mimética.

Referências bibliográficas

MCCULLERS, Carson. *O coração é um caçador solitário*. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Trad. Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações Editora, 2009.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Tradução: Martha Conceição Gambini. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Documentário *A 13ª Emenda* (Ava DuVernay, EUA, 2016)